

O CURRÍCULO DA PANDEMIA: REFLEXÕES ACERCA DA DOCÊNCIA NA PERIFERIA DO CAPITALISMO

Maria Conceição Dominique Gomes Paulo ¹

Débora Rejane Alencar da Silva ²

Camila Marques Farias dos Santos ³

RESUMO

O contexto da pandemia de covid-19 deu margem para que situações excepcionais se instalassem em nossa sociedade e abrisse no espaço sócio político uma nova forma de ser permeado de desafios e apreensão. Não fugiu desse destino a educação e toda a comunidade educativa que dela faz parte, sendo relegado a esses sujeitos, portanto, adaptar-se ao desconhecido sem a chance de processar toda a circunstância em que estavam inseridos. Os professores em específico viram-se submetidos a precarização, a cargas extensas de trabalho e a pressão de um fazer educativo que não lhes era próximo, e ao qual chamaremos de currículo da pandemia. Assim sendo, o presente estudo mostra-se enquanto um estudo qualitativo e bibliográfico e buscou fomentar através deste uma reflexão acerca do fazer educativo em meio ao cenário pandêmico levando em consideração as vivências docentes. Para corroborar com as discussões levantadas foram analisadas duas entrevistas com professores atuantes da educação básica e que estavam inseridos na educação remota. Notabilizou-se que os impactos gerados pela pandemia no campo da educação veio acelerar e reacender processos anteriormente pensados sob o discurso de que a educação não poderia parar, dando vazão, dessa forma, a um produto educativo que reacendeu e estimulou a desigualdade social e colocou os professores na ausência de uma política que assegura seus direitos. Somado a isso, percebeu-se que apesar das possíveis diferenças na prática docente de professores atuantes na rede pública e particular, algo em comum se estabelece: a precarização.

Palavras-chave: Pandemia, Currículo, Professores.

INTRODUÇÃO

O cenário da docência é permeado pela precarização. A identidade de ser professor nessa circunstância é interpelada pela romantização de se reinventar como atitude positiva, mesmo em situações que vão contra seus direitos enquanto profissional. A visão que se constrói, desse modo, em torno do professor e da sua atuação reverbera um pensamento e

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, mariaconceicao.paulo@ufpe.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, debora.alencarsilva@ufpe.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, camila.fsantos@ufpe.br;



modo de agir político social que rebaixa o ser educador. Não por acaso é na pandemia de covid-19 onde esses aspectos se evidenciam ao trazer para superfície de forma visível qual é o verdadeiro significado inferido a educação por esse tipo de sociedade.

Diante o exposto, o presente trabalho tem por objetivo fomentar a discussão em torno da atuação docente no período pandêmico ao considerar os impasses e obstáculos por estes vivenciados. Tendo em vista que a docência é atravessada por sinais de alerta e que mesmo em condições normais de trabalho são delegados a estes profissionais a precarização, entendemos ser necessária a reflexão e problematização desse cenário caótico a qual os professores têm vivido, em específico, no contexto da pandemia.

Para corroborar com as reflexões aqui desenvolvidas serão analisadas duas entrevistas, uma delas realizada com um professor da rede particular de ensino e outra com uma professora atuante da rede pública. Suas vivências singulares na educação em meio a pandemia irão esboçar um panorama sobre os sentidos que atravessam o professor e a docência, nos auxiliando dessa maneira a pensar acerca do currículo imposto na e da pandemia.

A pandemia de covid-19 afetou todo um mundo e por nossos olhos foram e ainda são vistos vários setores da sociedade sendo atingidos. Não diferente, a educação – e aqui nos voltamos à educação formal - foi vastamente afetada tendo em vista que essa área já era discutivelmente precarizada. Diante um cenário caótico e de incertezas, o professorado teve de se “adequar”, e como consequência houve por parte destes, o receio, a exposição, e a certeza de estar vivendo o limite do ser professor com os tantos obstáculos que se aguçaram no período aqui relatado. Todos esses aspectos expressados coadunam assim com um modo de vida na qual os agentes da educação precisavam se inclinar para se fazer presente, e que aqui nesse relatório será chamado de currículo da pandemia.

METODOLOGIA

O trabalho aqui desenvolvido faz parte do relatório final construído na disciplina de ppp3 – práticas curriculares e sala de aula que teve por intenção compreender a qual currículo a educação e os professores estavam submetidos diante a pandemia de covid-19. Desse modo, no que diz respeito a sua metodologia, este presente trabalho refere-se a um estudo bibliográfico e qualitativo (Gil, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Currículo da Pandemia e a Docência

Em frente um novo modo de vida imperou um modo novo de ser. E nas entrelinhas do discurso “não pode parar” a classe trabalhadora precisou se desdobrar nessa situação adversa. Nesse sentido, os professores enquanto destaque da nossa discussão não teve vez, nem voz. A não ser a voz para professar um fazer educativo que não mais fazia sentido aos moldes das vivências pandêmicas e a vez enquanto primeiro da fila para duplicar o seu trabalho. Suas práticas educativas que já eram desafiadoras no sentido mais subjetivo extrapolaram os seus próprios limites e demonstrou o que já era existente, mas – talvez – pouco perceptível para aqueles que não queriam enxergar. Ou seja, a precarização, a uberização do trabalho e a importância pouco dada àqueles e aquelas da educação.

O panorama aqui debatido trouxe consigo e acentuou, como pontua Boaventura (2020) crises já fixadas socialmente. Esta, acendeu o alerta para a desigualdade social, bem como para a precarização instituída pelo estado e tais aspectos reverberam diretamente no fazer pedagógico e na prática educativa dos docentes. De uma hora para outra foi preciso se reinventar, ao trabalhar de um modo jamais imaginado e lidar com a linha tênue entre o que era (é) pessoal e profissional. Não mais existia casa, mas sim espaço de seu ofício, não mais existia lazer e sim trabalho a ser realizado, não mais existia horários e sim desregulação de tempo. Implica dizer, sinteticamente, que a crise desenhada pela pandemia incumbiu aos professores o peso de se fazer vários em meio ao caos.

Foram colocados a mostra os ambientes desestabilizados, o desemprego e a falta de recursos para alunos e professores ingressarem no desconhecido e como consequência houve a repercussão negativa no produto da educação. O aplicativo de comunicação tornou-se sala de aula e em seu caráter limitador e excludente reforçou uma desigualdade desmedida. Desigualdade esta, que inferiu ainda mais esforços dos agentes educacionais, que tiveram suas jornadas estendidas. Afinal, não é sobre estes que recaem tamanha responsabilidade?

Não somente, é necessário dizer que a pandemia de covid-19 exigiu muito e escancarou o mercado desesperado da sociedade neoliberal. A espreita da porta, o capitalismo pregou um discurso na qual o dito era o de que a educação não podia desacelerar. Mas, o não dito, ou melhor dizendo, o discurso velado e que não podia esperar na verdade era e ainda é o

projeto social neoliberal, leia-se que “O discurso do projeto social neoliberal é hegemônico. Enuncia o neoliberalismo como uma ideologia de inspiração capitalista, uma forma de governo, uma política econômica e uma racionalidade: uma nova razão de mundo.” Dardot e Laval (2016 *apud* VARJAL, 2021, p. 6).

Diante o exposto, fica evidente que o capitalismo implica com seu modo de pensar o social a perda de direitos dos educadores. A esses sujeitos têm restado sobreviver com o que lhes é oferecido de tal modo que os docentes se veem e se dobram a situações onde seus direitos não são respeitados, sequer assegurados. Nas brechas das garantias dadas a este público, o estado cria formas de desobrigar a sua própria responsabilidade, para com o profissional da área, para com o aluno e para com a educação no geral. Como afirma Amanda Moreira da Silva:

O precariado professoral vem constituindo uma fração ampla e crescente do professorado brasileiro nas últimas décadas, que experimenta a totalidade da flexibilidade salarial, integra diferentes formas de subcontratação e trabalho atípico, além de viver em situação de total insegurança social e econômica. (2020, p. 5)

Não obstante, ainda segundo a mesma autora, ela reflete que:

A contratação temporária como regra em detrimento do concurso público, surgem cada vez em maior número novos formatos de contrato sem estabilidade, dentre os quais destacam-se os admitidos por caráter temporário e os eventuais. (2020, p. 5)

Ou seja, a questão se volta para o entendimento de que, tudo o que vem acontecendo é permeado de intencionalidades. Essa precarização, apesar de anteceder a pandemia, teve seus planos de precarização concretizados nesse quadro disfarçado de ajustes temporários. É descabido que ao professor tenha escapado o desamparo e a dificuldade em efetivar o seu trabalho e é igualmente indevido que esses docentes estejam proporcionando o seu trabalho em níveis de exploração. Uma situação teoricamente excepcional, fez-se enquanto prática uma ideia a se perpetuar para além da pandemia.

Experiência Profissionais: Análise de Dados

A mudança radical e súbita pela qual foram expostos professores e alunos diante o contexto da pandemia implicou condições não antes imaginadas a este grupo quando se fala dos processos de ensino-aprendizagem. O que antes era caneta e papel se transformou em um teclado e mouse, o que era uma sala de aula limitou-se a uma tela e o que por fim era vivência presencial se transformou em “Alguém ainda está por aqui?”. As relações mudaram e à vista

disso, o meio e o contexto social igualmente mudaram, apesar disso as instituições prosseguiram quase que de imediato em suas funções, por consequência todo o desenvolvimento profissional e educativo ficaram na margem da insegurança, pressão, contextos de exaustão e precariedade.

Nesse sentido, através das nossas vivências, leituras e experiências compartilhadas na disciplina práticas curriculares e sala de aula, bem como a partir das entrevistas, tornou-se necessário pensar acerca do fazer docente diante o contexto excepcional instalado na educação e suas potenciais consequências. Embasadas pelo aporte teórico, bem como pelos resultados das entrevistas com os docentes, que ainda estão a passar por esse “novo normal” na educação, buscamos elucidar alguns pontos chaves e que consideramos importantes de discussão. Assim sendo, foram entrevistados dois docentes de instituições diferentes, um professor do ensino infantil que atua na capital e uma professora do fundamental que atua no sertão de Pernambuco, sendo o primeiro da rede particular de ensino e o segundo da rede pública, respectivamente. Ambos, desse modo, vivenciaram o ensino remoto no contexto da pandemia de covid-19.

O foco da nossa entrevista procurou sondar possíveis diferenças nas experiências vividas entre os professores de rede de ensino divergentes a fim de estabelecer uma comparação, e nossas perguntas foram voltadas especialmente para o impacto pessoal que cada um deles atravessou durante esse novo cenário educativo. As respostas foram tomadas como base para analisar aspectos da relação entre precarização e pandemia, em face da realidade vivida por cada um dos professores.

Portanto, acerca do ensino, os dois professores relataram que trabalharam de maneira remota e que a princípio sofreram bastante dificuldades em se adaptar às novas tecnologias. A professora 01, por exemplo, quando perguntada sobre o seu primeiro contato com o ensino remoto relata que:

Sim. Foi muito difícil em ambos os sentidos. Não era familiarizada com o mundo digital, não costumo me expor publicamente, além da sala de aula, não sabia transmitir conhecimentos de forma remota. Sabia apenas que algo tinha que ser feito e que dependia de minha coragem, atitude e criatividade (Professora 01).

Referente às horas de serviço e mediante a pressão sofrida por estes docentes, tendo em vista que durante todo esse período houve aumento na carga horária para muitos professores, haja vista o trabalho dar-se dentro de suas próprias casas. E considerando o novo quadro econômico e social que se estabelece no país durante a pandemia, tal qual a



empregabilidade na área da educação, perguntamos se ambos se sentiram pressionado/pressionada com as exigências do “novo” cenário de modelo educacional. Ambos falaram que sim, se sentiram bastante pressionados e que tiveram suas cargas horárias estendidas. Quando se tratou da questão do aumento da demissão, o professor da escola particular expressou bastante preocupação, o que elevou a sua aflição no que diz respeito ao seu vínculo empregatício.

Em seguida, quando questionados sobre o trabalho remoto que acontecia em suas residências. Perguntamos quais mudanças foram feitas para que esse trabalho ocorresse e se estas foram custeadas por eles. O professor 02 respondeu que:

[...] A princípio eu fazia com os materiais que tínhamos em casa, e depois as escolas disponibilizavam computadores emprestado para uso nas aulas. A maior dificuldade foi a internet e gravar as aulas assíncronas, era quando eu tinha que disponibilizar um tempo maior para o preparo das aulas, fora os materiais como cenário, câmera, internet e computadores cheguei a passar 10h entre preparo da aula, gravação e edição . Também tive gastos como comprar um celular para gravar as aulas, um tripé e uma cadeira, além de aumentar a velocidade da minha internet. (Professor 02)

Por conseguinte, quando o assunto foi o apoio das escolas e/ou a Secretaria de Educação, no que concerne ao suporte material/psicológico para que as aulas acontecessem, notamos uma diferença entre a escola privada e a pública. A professora da rede pública disse que houve apoio ao relatar uma colaboração entre a coordenação pedagógica e direção escolar nesse processo, mas sem muitos detalhes. Já o professor da rede privada revela ter enfrentado dificuldades com relação à ausência de apoio e diz que precisou de acompanhamento psicológico custeado por ele mesmo. Ambos disseram que tiveram apoio de materiais cedidos pelas escolas.

Portanto, a partir da experiência de nossa entrevista (que teve um total de oito perguntas) conciliada às temáticas realizadas durante o período da disciplina percebemos o já estampado em nossas caras. O ser professor nesse contexto foi um caminho árduo e com grandes dificuldades reverberadas de modo diferente em cada ser - visto que cada sujeito possui suas individualidades - mas com um processo de significação não distante um do outro. O período pandêmico, desse modo, foi marcado por uma grande turbulência física, emocional e profissional que geraram nesses professores e em suas práticas o receio, as dúvidas e a pressão para ambos os professores e para a classe em sua totalidade.

Não somente, conciliando todo o cenário e discussões ao atual governo e o seu posicionamento liberal vemos de forma clara tal atuação dentro da educação através das escolas. Sabemos que a pandemia foi e está sendo cruel para a classe de professores em geral

e não podemos deixar de identificar, inclusive, a coisificação dos docentes, sejam estes de escolas públicas ou privadas que sofreram de forma pontual nesse campo incerto na qual adentraram. A realidade aqui exposta de forma pontual mostra-se eixo de problematização e debate acerca dos modos de educar, ao levar em consideração as necessidades e desafios atrelados ao ser professor e as condições que estes foram e estão sendo impostas. Pensar a educação como um todo é pensar na comunidade educativa e pedagógica que a cerca e em seus direitos que no contexto pandêmico em específico vieram a ficar mais evidentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da grande mudança gerada pelos impactos da pandemia na educação, notamos a necessidade que a escola precisava ter para garantir uma formação tecnológica que visasse o melhor desenvolvimento das atividades remotas e como o apoio psicológico é essencial para lidar com esse aumento de demanda, já que o processo para gravar, editar, registrar e conseguir manter uma interação com os alunos fez-se limitada, precisando ter uma elaboração maior para atingir os objetivos de comunicação, criatividade e principalmente qualidade no ensino-aprendizagem.

Lidar com os novos moldes educacionais que garantisse uma aula prazerosa para alunos e professores necessitou de adequação de tempo e modo de vida individualmente, sem que fosse garantido melhores condições salariais, pois o investimento na educação continua precarizado. Uma vez que, como expressa o G1 (2021) segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil não aumentou em aplicações para recursos educacionais, ou seja, a aprendizagem e o docente continuam sendo negligenciados.

Por fim percebemos que a precarização permeia o particular e o público e no tocante às entrevistas poucas diferenças foram notadas entre uma experiência e outra. Insatisfações regem suas jornadas de trabalho, de formas diferenciadas, já que de um lado contamos com a falta de garantia do acesso a todos a internet e de outro o acesso é garantido, tecnologia já implementada, mas a solidão, o medo, a necessidade de sair da zona de conforto, a insegurança da garantia do vínculo empregatício, transformação da casa em ambiente de trabalho, permeou os desafios enfrentados pelos docentes, que continuam na luta e resistência por uma educação de qualidade apesar de toda a desvalorização.



REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Emily. Brasil está entre países que não aumentaram recursos para educação na pandemia, diz OCDE. G1, São Paulo, 16 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/09/16/brasil-esta-entre-paises-que-nao-aumentaram-recursos-para-educacao-na-pandemia-diz-ocde.ghtml>. Acesso em: 09 dez. 2021.

SILVA, Amanda Moreira Da. *Da Uberização à Youtuberização*: a precarização do trabalho docente em tempos de pandemia. **Rev. Trabalho, política e Sociedade**. Vol. 5, nº 09, p. 587 – 610, jul. – dez./2020.

VARJAL, Elizabeth. *Avaliação*: direito à educação e à aprendizagem. NUFOPE. Formação continuada de professores da educação superior na UFPE. Reflexões vivenciadas em cursos de aperfeiçoamento didático-pedagógico. Recife: Editora da UFPE, 2021.